



Revista indexada em:

CREFAL (Centro de Cooperación Regional para la Educación de los Adultos en América Latina y el Caribe) -

<http://www.crefal.edu.mx>

DIALNET (Universidad de La Rioja) - <http://dialnet.unirioja.es>

GeoDados - <http://geodados.pg.utfpr.edu.br>

IRESIE (Índice de Revistas de Educación Superior e Investigación Educativa. Base de Datos sobre Educación Iberoamericana) - <http://iresie.unam.mx>

LATINDEX (Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal) - <http://www.latindex.unam.mx>

CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior / Ministério de Educação - Brasil): <http://qualis.capes.gov.br/webqualis/> - WebQualis/áreas de conhecimento (triênio 2010-2012) - **Qualis/Educação:**

B4, **Qualis/Psicologia: B3**, **Qualis/História: C** e **Qualis/Artes – Música: C**

Projeto de Criação e Editoração do Periódico Científico Revista Metáfora Educacional (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*: Prof.^a Dra. Valdecí dos Santos

Editora: Prof.^a Dra. Valdecí dos Santos - <http://lattes.cnpq.br/9891044070786713>

<http://www.valdeci.bio.br>

n. 12 (jan. – jun. 2012), jun./2012

**A VISÃO ORIENTAL DA RELAÇÃO INSEPARÁVEL ENTRE SER VIVO E
AMBIENTE: *ESHO FUNI***

**THE EASTERN POINT OF VIEW OF INSEPARABLE RELATIONSHIP BETWEEN
THE LIVING ORGANISMS AND ENVIRONMENT: *ESHO FUNI***

Raphael Alves Feitosa

Biólogo, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) (BR)

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC (BR)

E-mail: rafeitosa@oi.com.br

Ana Maria Iorio Dias

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) (BR)

Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (BR)

E-mail: anaiorio@ufc.br

Viviane Alves de Oliveira Feitosa

Pedagoga pela Universidade Federal do Ceará (UFC) (BR)

Professora da Secretaria Municipal de Educação, Fortaleza – CE (BR)

Email: vikalveso@yahoo.com.br

RESUMO

O objetivo desse trabalho é discutir a percepção oriental sobre o *Esho Funi* (inseparabilidade entre ser vivo e seu ambiente), em direção a uma revolução humana interior e mudança de paradigma educacional. Para tanto, analisamos obras literárias japonesas, em especial os escritos publicados por Nitiren Daishonin e pelo filósofo Daisaku Ikeda. Tal abordagem se justifica uma vez que percebemos que é necessário uma mudança na percepção global sobre o ambiente que nos rodeia, bem como nossas inter-relações entre os próprios seres humanos. Destarte, tal transformação deve incluir aspectos da vida espiritual, a qual entendemos como parte essencial da natureza humana, visando uma mudança radical em nossas estruturas sociais, políticas e, consequentemente, educativas. O conceito filosófico oriental de *Esho Funi* exprime que a pessoa e seu ambiente são dois fenômenos independentes, porém unos em sua essência fundamental. Esse princípio budista indica que a pessoa e seu ambiente formam uma vida única e completa, sendo que nenhum pode existir separado do outro. A educação, vista a partir da perspectiva de *Esho Funi*, poderia contribuir para o reconhecimento e o diálogo das diversidades entre seres humanos e entre estes e seu ambiente, procurando assegurar condições necessárias para o desenvolvimento de práticas e valores interculturais, valorizando o ser humano como um requisito prévio para o desenvolvimento e exercício da cidadania plena e planetária. Tal perspectiva traz como importante contribuição para a cultura de paz a ideia de que somos todos responsáveis pelo ambiente. Se nossas ações são predatórias e individualistas, nosso ambiente é influenciado por tal egoísmo. Se pelo contrário, nossas atitudes forem de respeito e colaboração mútua, o local onde estamos é influenciado de uma forma benéfica, gerando um local de paz e harmonia.

Palavras-chave: Ser Vivo e Ambiente. *Esho Funi*. Educação Ambiental. Espiritualidade. Cosmovisão Oriental.

ABSTRACT

The aim of this paper is to discuss the perception on the eastern *Esho Funi* (inseparability of living organisms and their environment), toward an inner human revolution and paradigm shift in education. For this purpose, we analyze some Japanese literary works, especially the writings published by Nichiren Daishonin and philosopher Daisaku Ikeda. Such an approach is justified since it is necessary to realize a change in global perception about the environment around us, and our inter-relationships between human beings themselves. Thus, such a transformation should include aspects of spiritual life, which we understand as an essential part of human nature, aiming at a radical change in our social structures, policies, and therefore educational. The philosophical concept of *Esho Funi* expresses the person and their environment are two independent phenomena, but one in its fundamental essence. This Buddhist principle indicates that the person and their environment form a unique and complete life, and neither can exist separately from each other. Education, viewed from the perspective of *Esho Funi*, could contribute to the recognition of diversity and dialogue among and between humans and their environment, seeking to ensure necessary conditions for the development of cultural practices and values, valuing the human being as a prerequisite for the development and exercise of full planetary citizenship. This perspective brings an important contribution to the culture of peace,

the idea that we are all responsible for the environment. If our actions are predatory and individualistic, our environment is influenced by such selfishness. If on the contrary, our attitudes are of mutual respect and collaboration, where we are is influenced in a beneficial way, creating a place of peace and harmony.

Keywords: Living Organisms and Environment. *Esho funi*. Environmental Education. Spirituality. Eastern Worldview.

INTRODUÇÃO

Para contribuir com uma educação voltada a construção de valores humanos e da paz, iremos discutir nesse trabalho o princípio exposto pelo budismo¹ de Nitiren Daishonin², chamado de *Esho Funi*, que esclarece a íntima relação entre a vida e o meio ambiente (seja esse último natural, artificial, sócio-cultural, político ou cibernético). Tal abordagem se justifica quando percebemos que seja necessário mudamos nossa percepção sobre o ambiente que nos rodeia, e tal transformação “é espiritual em sua natureza essencial e acarretará profundas mudanças em nossas estruturas sociais e políticas” (CAPRA, 2001, p. 12).

Assim, o objetivo desse trabalho é discutir a percepção oriental sobre o *Esho Funi* (inseparabilidade entre ser vivo e seu ambiente), em direção a uma revolução humana interior e mudança de paradigma educacional. Para tanto, analisamos algumas obras literárias japonesas.

O monge budista que revelou esse princípio foi Nitiren Daishonin, que nasceu em 16 de fevereiro de 1222, com o nome de batismo de Zenniti-Marō (esplêndido sol) na vila de Kominato, atual Província japonesa de Tiba. Filho de pais pescadores, ele deixou o lar para estudar o budismo quando tinha doze anos, alterando, posteriormente, seu nome para Nitiren: *Niti*, de Nitiren, significa o sol e representa a luz lançada pela sabedoria de Nitiren Daishonin a todo o mundo para eliminar a obscuridão que aflige a humanidade; *Ren* significa lótus e quer dizer que Nitiren Daishonin apareceu no mundo dominado pela escuridão fundamental para fazer com que as belas e puras flores da sabedoria e da cultura desabrochassem no coração perturbado de todas as pessoas. Nitiren faleceu no Japão em 1282. (KIRIMURA, 1987).

No Brasil e em outros países do mundo, como difusora das ideias de Nitiren, temos a Soka Gakkai Internacional (SGI), cujo nome pode ser traduzido como “criação de valores humanos”, uma associação que visa à promoção de valores como a paz, cultura, educação e o respeito humano (BSGI, 2011). A difusão dos princípios da SGI está intimamente relacionada às obras de Daisaku Ikeda (IKEDA, *et al.*, 1980; TOYNBEE; IKEDA, 1999). Esse pensador nasceu em Tóquio, Japão, em 2 de janeiro de 1928, e fundou instituições educacionais e culturais, incluindo a Universidade Soka (com sedes no Japão e Estados Unidos).

Como ferramenta metodológica, nesse artigo nós analisamos as supracitadas obras literárias do autor, além de outras publicações de Ikeda (1972; 2003; 2006; 2012), buscando por sua compreensão sobre o conceito de *Esho Funi*, o qual consideramos fundamental para o

¹ Filosofia de vida e religião oriental a qual prega a purificação da vida, o desenvolvimento da sabedoria para compreender a verdade da vida. O budismo estabelece que a verdadeira felicidade é inata a todos os seres vivos, e é chamada de estado de Buda.

² O ensino budista de Nitiren Daishonin é baseado na compilação de ensinamentos orais chamada de Sutra de Lótus, o qual foi pregado por Sakyamuni. Nitiren prega a recitação do mantra *Nam-Myoho-rengue-kyo* (título do Sutra de Lótus) como forma de atingir a iluminação na presente existência, ou seja, um estado de vida de felicidade plena.

entendimento da relação do ser vivo com seu ambiente e para a compreensão de uma mudança de paradigmas no campo educacional.

O artigo está estruturado em quatro partes indissociáveis: a primeira fala sobre relação dicotômica entre os seres vivos e seu ambiente, que existe atualmente na sociedade ocidental; a segunda aborda o conceito filosófico de *Esho Funi*; a terceira discorre sobre a ideia de que através da visão de *Esho Funi* é possível repensar nossa relação com o ambiente, incluindo seu aspecto social, natural, político e cultural-educacional. Por fim, a quarta trata mais especificamente das contribuições dessa visão oriental para a educação escolar, com enfoque na cultural de paz.

1 “AMPUTAÇÃO TRAUMÁTICA”: A ATUAL RELAÇÃO DICOTÔMICA ENTRE OS SERES VIVOS E SEU AMBIENTE

As sociedades humanas, moldadas aos padrões do sistema capitalista, passam por um momento de internacionalização do capital, no qual continua visível a disparidade social entre os países ricos e os pobres (ou em “desenvolvimento”, como os meios de comunicação ligados às classes opressoras costumam ostentar). Este novo referencial abrange não apenas os produtos da indústria, mas avançou em relação aos bens que outrora eram coletivos, como por exemplo, a natureza e os seres vivos. Os exploradores buscam extrair tudo aquilo que possui valor no grande mercado das relações econômicas, desde as coisas materiais, passando pela natureza, chegando até os direitos de autodeterminação dos povos. Acrescente-se a isso as relações entre as grandes corporações capitalistas, em que se maximiza o acúmulo de bens, a exploração dos trabalhadores e do meio ambiente.

Como um exemplo recente dessa visão predatória e insustentável tivemos o acidente nuclear ocorrido em março de 2011 na central nuclear de Fukushima, cidade do nordeste do Japão. Uma explosão que fez com que parte do prédio da usina, que comporta vários reatores atômicos, derretesse, lançando uma grande quantidade de dejetos radioativos pelo ar e pelo oceano japonês (FUKUSHIMA PREFECTURE, 2011). Cabe destacar que o acidente radioativo é uma consequência de outra tragédia: um terremoto de magnitude 8,9 graus na escala *Richter*, ocorrido no dia 11 de março de 2011, e uma tsunami que varreu a região litorânea nordeste daquele país, deixando milhares de vítimas.

Ao analisarmos essas tragédias, vemos que a ação dos seres humanos para com o planeta Terra é talvez a maior causa do crescente aumento dos desastres ambientais. Um dos argumentos que podem explicar esse grave quadro é a ausência de um valor ético-ambiental libertador. Esse último abrange as relações interpessoais, regidas atualmente por um individualismo quase que endêmico, e inclui as relações da espécie humana com o mundo natural.

Depois de décadas de negação conveniente aos interesses dos mandatários do capital, agora é difícil rejeitar que a ampla escala das atividades humanas destrutivas está a ter impactos significativos sobre as condições de vida dentro do nosso planeta. Uma lista parcial de evidências inclui: a redução da quantidade de pescado; perda de florestas; a taxa sem precedentes de extinção de espécies (desde eras do Paleozóico e Mesozóico); degradação do solo através de desertificação, erosão e salinização; qualidade cada vez mais reduzida de água e problemas com sua disponibilidade para as populações; apoio cada vez maior para os estudos sobre potencial iminente e grave do aquecimento global causado, em especial, pela queima de combustível fóssil (CAPRA, 2001).

Tal temática se torna ainda mais relevante quando percebemos que o ser humano alterou a constituição do nosso planeta de tal forma, que corremos o risco de torná-lo inóspito. Ao refletirmos sobre o pensamento que pode estar corroborando com esse quadro preocupante relacionado à problemática ambiental, percebemos que há o predomínio de uma visão hegemônica antropocêntrica na Terra, a qual separa dicotomicamente ser humano e natureza.

Esse enfoque antropocêntrico se agravou com o surgimento da ciência moderna, na qual o mundo natural se torna objeto do conhecimento empírico-racional, num modo de conhecer para dominar e explorar (CAPRA, 2001). De um lado, os seres humanos como entes especiais, ativos e dotado de poder (na visão judaico-cristã, um poder de origem divina, inclusive); do outro, temos a natureza, essa passiva e deve ser submissa ao ser humano, o seu dominador. Ao longo do tempo, houve uma separação traumática que segregou ser humano e natureza, abrindo caminho para a exploração desenfreada do ambiente, ocasionando diversos problemas ambientais.

Sobre esse tema, Lander (2005) mostra que uma primeira separação que a tradição ocidental efetuou ao longo do seu domínio exploratório na América Latina foi de origem religiosa. Tal separação emana da cultura judaico-cristã e desenvolve-se na ideia de segregação entre Deus (o sagrado), o Homem (o humano) e a natureza. Tal desagregação é vista como uma base fundamental em que foi erguido o conhecer e o fazer tecnológico da sociedade ocidental.

A separação se inicia na aceção de que Deus, o ser divino, criou o mundo, do modo que o próprio mundo não é Deus, e em consequência, não se considera que este seja um local sagrado. Isso está coligado à imagem de que Deus criou o ser humano à sua própria imagem e elevou-o acima de todas as outras criaturas do planeta, conferindo-lhe o direito sagrado a interferir no andamento dos eventos desse mundo. Para Lander (2005), desigualmente a maior parte das demais crenças religiosas, a visão judaico-cristã não estabelece limite à influência do ser humano sobre natureza.

A partir dessa análise, podemos indicar que existe uma segregação entre dois aspectos que são inseparáveis: o ser vivo e o seu ambiente. Não obstante, podemos metaforizar tal quadro, afirmando que se trata de uma “amputação traumática” feita de forma artificial e violenta entre o elo que coligava o ser a seu mundo natural.

Discordando dessa abordagem que segrega o ser vivo e a natureza, cremos que é preciso buscar ideias que reaproximem ser humano e natureza, considerando que, na verdade, eles nunca estiveram separados. Todavia, uma perspectiva que se aventure no oceano da reflexão crítica sobre a realidade, enfrentará as águas impetuosas do modo de vida capitalista em que vivemos, dominado pelo individualismo, numa busca desenfreada por lucro, solidão, pressa e desconfiança com relação ao outro.

Para compreender mais profundamente a necessidade dessa reaproximação, é relevante esclarecer o que estamos chamando de meio ambiente. Empregaremos, ao longo desse artigo uma compreensão mais ampla de meio ambiente, incluindo seus aspectos sociais, históricos, culturais e políticos. Para tanto, recorreremos ao conceito lançado por Reigota, ao afirmar que ambiente corresponde a:

[...] um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relação dinâmica e em constante interação os aspectos naturais e sociais. [...] Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformações da natureza e da sociedade (REIGOTA, 2009, p. 36).

Buscaremos neste artigo uma cosmovisão oriental, que não amputa sujeito e natureza, para compreendermos o mundo que nos cerca. Assim, recorreremos ao pensamento da filosofia budista, e o fazemos por achar que ele pode contribuir com nossas reflexões sobre a relação entre o ser vivo e seu ambiente circundante. Segundo Capra (2001), ultimamente, o pensamento oriental principiou a chamar a atenção das pessoas do mundo ocidental:

Como o pensamento oriental começou a interessar a um número significativo de pessoas, e como a meditação deixou de ser vista como ridícula ou suspeita, o misticismo está sendo encarado seriamente, mesmo no seio da comunidade científica. Um número crescente de cientistas está consciente de que o pensamento místico fornece um coerente e importante background filosófico para as teorias da ciência contemporânea, uma concepção do mundo em que as descobertas científicas de homens e mulheres podem estar em perfeita harmonia com seus desígnios espirituais e crenças religiosas (p. 62).

39

Aliando-se a essa perspectiva, Steil e Toniol (2011) afirmam que parece haver, atualmente, uma tendência pela substituição do paradigma cultural que tem amparado as práticas e concepções ocidentais por um paradigma que comumente caracterizou o Oriente. Tal mudança, os autores chamam de “orientalização do Ocidente” (p. 30). Destarte, o que é fundamental nessa modificação é o deslocamento da noção ocidental de religião, a qual funciona de acordo com a tradição concebida como transcendente, para a de imanência, ou seja, que atribui a existência do divino como algo que está dentro do ser e de seu mundo físico, atributo de um ponto de vista oriental.

Não obstante, os mesmos autores apontam como uma das consequências dessa “orientalização” é a modificação no lugar ocupado por Deus. Na visão oriental, a divindade deixa de ser localizada em um plano extraterreno, ou seja, fora do mundo, e passa, aos poucos, a morar no próprio mundo terreno, tornando-se acessível por meio de experiências particulares de caráter místico e energético, obras, em especial, de um maior contato com o meio natural (STEIL; TONIOL, 2011). Assim, essa “orientalização” e, por conseguinte, a entorse do transcendente para o imanente permite aos seres humanos conceberem a natureza como o lugar privilegiado do sagrado.

2 ESHO FUNI: O CONCEITO FILOSÓFICO

O conceito filosófico de *Esho Funi* tem sua origem no budismo. Essa filosofia religiosa surge com a preocupação em erradicar o sofrimento humano (ARROYO, 2011). O budismo visa parar a concepção errônea de vida, a qual se relaciona com a ênfase nos desejos mundanos. Ao percorrerem o caminho filosófico do budismo, os seres humanos podem encontrar dentro de si uma série de verdade sobre a natureza da realidade e de si mesmos. Este despertar é uma transformação na maneira como vivemos - cultuando objetos ao invés de cuidar das pessoas, ou seja, a ênfase no “ter” em vez do “ser” - o que é entendido não como uma negação das coisas ou pessoas, mas sim como uma reconceituação da mesma.

Com base nessa visão, podemos desenvolver a compreensão daquilo que deve ser mudado, na maneira na qual o pessoa age, até o ponto em que se deve colocar o indivíduo em posição de influenciar em seu *karma*. A lei do *karma* no budismo corresponde ao entendimento

de que qualquer ação intencional produz um ou mais efeitos específicos. Assim, não é difícil compreender que *karma*, para os budistas, não é uma lei que determina a existência humana aprioristicamente ou uma espécie de predestinação humana, e sim significa que:

El *karma* no funciona como un castigo heredado por la acción en otra vida o por una constitución genética, sino más bien como un tipo de condicionamiento que es impersonal y que constituye una condición insoslayable de la vida misma³ (ARROYO, 2011, p. 6-7).

Sobre esse tema, Ikeda (2003) afirma que o budismo transcende o limite da concepção superficial da lei de causa e efeito, de castigo e recompensa, e revela a natureza real da causalidade e a forma como “recuperar o estado de pureza da vida existente desde o infinito passado” (p. 197). Do ponto de vista da filosofia budista de *Esho Funi*, tudo aquilo que pensa, fala e faz os um ser vivo produz o *Karma*, seja ele benéfico ou não para o ser, e tem reflexo no meio ambiente e na própria sociedade humana.

De acordo com a origem etimológica do referido conceito, temos que *Esho* é a combinação das primeiras sílabas do vocábulo japonês *eho* e *shoho*. *Shoho* se refere ao indivíduo, ou seja, um ser dotado de vida, como por exemplo, o ser humano. *Eho* traz à baila o objeto que sustenta e possibilita a expressão da vida, isto é, o ambiente em que habita o ser vivo. Por sua vez, o lexema *Funi* significa dois fenômenos independentes, no entanto intrínsecos e indissociáveis.

Este princípio budista tem uma relevância basilar para apreendemos as relações que constituímos ao longo da vida nos vários locais em que vivemos: família, escola, trabalho, vizinhança, enfim, na sociedade como um todo. *Sho* significa *shoho*, a entidade de vida independente; *e* representa *eho*, ou seja, “o meio ambiente que sustenta essa vida. Uma vez que a vida humana influencia e depende de seu ambiente, as duas – *Esho* - são inseparáveis – *Funi*”. (TOYNBEE; IKEDA, 1999, p. 37).

Diante dessa breve análise linguística, apreendemos que o termo *Esho Funi* exprime que a pessoa e seu ambiente são dois fenômenos independentes, porém unos em sua essência fundamental. Esse princípio budista indica que a pessoa e seu ambiente formam uma vida única e completa, sendo que nenhum pode existir separado do outro.

Para uma compreensão mais clara, Daishonin (2005) apresenta uma metáfora que ilustra este conceito: o ambiente em que vivemos é como a sombra, e a vida, o corpo. Sem o corpo não pode haver sombra. Analogamente, sem a vida, o ambiente não pode existir, embora a vida seja sustentada pelo seu ambiente. Não pode haver vida sem um ambiente no qual ela possa se manifestar, assim como não é possível existir um ambiente sem vida nele. Sobre o assunto, Daisaku Ikeda e colaboradores afirmam que

[...] a nossa vida é uma entidade de “Esho Funi”. A vida humana é “Shoho” e sua atividade “Eho”. Naturalmente, nenhuma pode existir separadamente. De um alado, podemos dizer que a nossa vida está baseada neste princípio universal. Por outro lado, ela forma gradualmente uma existência única de acordo com as leis da individualidade, e simultaneamente traz um ambiente que

³ O *Karma* não funciona como um castigo desencadeado por uma ação em outra vida ou por constituição genética, e sim como um tipo de condicionamento impessoal e que se constitui condição indissociável da própria vida (tradução nossa).

é compatível consigo. De modo breve, um ser humano e seu ambiente tornam-se manifestos ao mesmo tempo. (IKEDA *et al.*, 1980, p. 209).

Quando consideramos as nossas relações cotidianas a partir do princípio dinâmico de *Esho Funi*, tal como na metáfora do corpo e da sombra, podemos vislumbrar uma possibilidade de transformar nosso(s) ambiente(s). Em especial, tal perspectiva torna-se de suma importância para uma educação voltada a paz e para a interculturalidade, em que, de acordo com Fleuri (1998), nela se possam não somente reconhecer a diversidade cultural dos grupos sociais, mas que se oportunizem momentos educativos diante dos conflitos decorrentes da interação e da reciprocidade entre esses grupos diferentes, para enriquecimento cultural mútuo.

Nesse sentido, habitando em “com-vivência” com a natureza, em uma relação de mútuo equilíbrio, poder-se-á desenvolver as potencialidades da vida e da educação. Com base nesse enfoque, a relação descrita pela expressão *Esho Funi* ensina que a relação entre seres humanos x natureza x outros não é de oposição, mas de (inter)dependência e (inter)ação. Daí o motivo de não ser possível o isolamento entre o ser vivo e seu ambiente:

Se homem e ambiente forem considerados como duas entidades separadas e opostas, será impossível compreender cada uma delas em sua verdadeira perspectiva. Em vez de permanecer fixo e imutável, o ambiente muda de acordo com o tipo de vida que sustenta. Um mesmo ambiente é diferente para o homem e para as aves, por exemplo mas também os ambientes de seres humanos individuais diferem segundo as características de cada pessoa. Neste sentido, a pessoa subjetiva e o ambiente são uma única entidade indivisível. Levando esse conceito um passo adiante, o pensamento budista encontra a base final da unidade entre sujeito e ambiente na força vital cósmica (TOYNBEE; IKEDA, 1999, p. 37).

3 ESHO FUNI: UMA FORMA DE REPENSAR NOSSA RELAÇÃO COM O MEIO SOCIAL-AMBIENTAL-POLÍTICO-CULTURAL-EDUCACIONAL

Como consequência da análise sobre o conceito de *Esho Funi*, percebemos que cada organismo vivo tem um ambiente distinto de outros, pois uma vez que cada ser se relaciona com o seu ambiente de modo único, esse ambiente também é essencialmente diferente de todos os outros. Assim, ao observarmos o ambiente em que circunavega a pessoa, podemos compreender com nitidez as inclinações e características de sua vida.

Por outro lado, se ignorarmos os ambientes que estão tão profundamente conectados ao ser vivo individual, o próprio ser vivo passa a ser somente um ilusório conceito que nada tem a ver com a realidade objetiva.

Aqui cabe ressaltar que a mudança das condições ambientais que nos rodeiam – violência, guerra, solidão, medo, revolta, etc. - passa obrigatoriamente pela nossa própria transformação interior. Não obstante, querer modificar o ambiente sem a modificação de si próprio é tão absurdo quanto à tentativa de arrumar a posição de uma sombra sem agitar o corpo.

A educação, nessa perspectiva, deve contribuir para o reconhecimento e o diálogo entre diversidades, procurando assegurar condições necessárias para o desenvolvimento de valores e práticas interculturais, valorizando o ser humano como um requisito prévio para o desenvolvimento e exercício da cidadania plena.

Vejamos a análise que Daisaku Ikeda faz sobre sua terra natal, o Japão. Segundo ele, os antepassados do povo japonês estabeleceram um conjunto de discernimentos de juízo espiritual baseado na crença da harmonia entre ser humano e meio ambiente. Esses critérios sociais, políticos e culturais possuíam uma força inerente capaz de restringir a degradação sócio-ambiental. Entretanto, tal situação mudou drasticamente no século XX, período em que os japoneses estabeleceram a emulação das nações ocidentais capitalistas industrializadas como sua meta de sociedade e “abandonaram a religião tradicional, as atitudes com relação à natureza, e mesmo os relacionamentos éticos entre seres humanos. Em suma, lançaram-se num curso alucinado de cobiça material” (TOYNBEE; IKEDA, 1999, p. 38).

No Japão de hoje, os processos de desenvolvimento da civilização ocasionaram a poluição ambiental – radiação, produtos químicos tóxicos, detritos não-biodegradáveis, entre outros – para além do ponto em que se pode solucioná-la a partir da estrutura urbana clássica. Numa apreciação mais detalhada, acredita-se que um “número conhecido de empresas industriais é responsável pela poluição ambiental dessa origem em que a maioria dos cidadãos figura como vítimas” (TOYNBEE; IKEDA, 1999, p. 58).

Segundo o pensamento oriental em questão, a visão do ser humano está embaçada pela fumaça da cobiça desenfreada, uma característica inerente ao próprio sistema de produção: a busca de expansão constante.

Em comunhão com tal ideia, Capra (2001) afirma que é preciso haver um movimento continuamente renovado de circulação de dinheiro para que o capital se mantenha, passando o dinheiro a ter um fim e uma expansão de valor em si mesmo. Por isso, o movimento do capital não tem limites. Trata-se de um objetivo puramente quantitativo, ratificado pela unidimensionalidade do capitalismo.

Baseado apenas num critério monetário quantitativo, o mercado capitalista direciona e sanciona os desenvolvimentos compatíveis com a sua lógica de expansão. Como consequência, mesmo que seja às custas de brutal desigualdade social ou de destruição ambiental, esse sistema buscará a eficiência produtiva e o lucro, sancionado pela concorrência econômica.

Quando se trata de pensar em educação para a paz e para a interculturalidade, encontramos sérias barreiras estruturais, pois o sistema capitalista “transformou o planeta em recurso\$ natural\$ e seus habitantes em recurso\$ humano\$” (FEITOSA; FEITOSA, 2011, p. 271).

Ao criticar tal postura materialista, Ikeda comenta que o Produto Interno Bruto (PIB) “é provavelmente uma indicação válida do poder econômico do Estado, mas acho que é tempo de dar precedência ao que chamo de PNBEB, ou produto nacional de bem-estar bruto” (TOYNBEE; IKEDA, 1999, p. 108). Em vez de apurar quanto um país produz por ano, muito mais importante é apurar com que proveito esse produto serve às necessidades de seus cidadãos, à sua educação e à condição de cidadania plena.

Baseando-se nessas concepções, podemos compreender o fato de que a pessoa, seu ambiente e sua educação são inseparáveis. O princípio de *Esho Funi* não se restringe apenas a uma simples explicação dessa relação inseparável, mas vai muito além, elucidando de que forma a vida se manifesta no ambiente, dando suas características peculiares.

Assim, na inseparabilidade da vida e seu ambiente está contida uma visão de ambiente – social, político, cultural e natural – embasada nos princípios budistas, e nos apresenta os conceitos de *shujo seken* e *kokudo seken*. O primeiro é uma referência ao ambiente social (*shujo seken*), o qual é também conhecido como o “mundo dos seres vivos”, alusão ao relacionamento estável e de influência recíproca entre todos os seres vivos. O segundo é o ambiente natural (*kokudo seken*), ou seja, o ambiente natural representa o espaço onde os seres vivos residem e do qual dependem para desenvolverem suas atividades vitais; eles jamais podem viver isolados desse ambiente, pois ele é a essência de sua existência (BSGI, 2001).

Cabe denotar que o ambiente natural não se refere apenas ao local físico, mas à condição do local, que, na verdade, é o reflexo da vida das pessoas que o habitam. Nesse sentido, Ikeda *et al.* (1980) mencionam que cada vida é única, e enquanto se manifesta neste mundo, um ser particular concomitantemente configura um ambiente com o qual seja compatível.

Com base nesses exemplos orientais, podemos recorrer à teoria de *Esho Funi* para pensarmos em nossas ações no local onde vivemos. Isso porque, “na medida em que a vida estende sua influência à circunvizinhança, o meio ambiente automaticamente muda de acordo com a condição da vida” (TOYNBEE; IKEDA, 1999, p. 173).

Assim sendo, tal perspectiva nos ensina que ninguém existe isoladamente. Estamos ligados aos nossos familiares que nos conceberam e nos criaram, aos mestres que nos educaram e aos amigos que nos incentivaram. Estamos também conectados àqueles com quem nunca nos encontramos, mas que nos favorecem plantando os alimentos que comemos, confeccionando as roupas que vestimos, ensinando, aprendendo e escrevendo os livros que nos transmitem conhecimento, enfim a uma infinidade de pessoas.

Essa visão se relaciona com o que Capra (2001) chama de a “Teia da vida”, ou seja, a percepção de que todos os seres estão interconectados através de “fios invisíveis” que se articulam sistemicamente em nosso planeta. Uma vez que os problemas ambientais são complexos, abrangendo a totalidade dos fenômenos, as soluções também o devem ser. Nesse sentido, ele critica os estudiosos positivistas que fragmentam a realidade, e deixam os fios da teia soltos:

Esses problemas, como veremos em detalhe, são sistêmicos, o que significa que estão intimamente interligados e são interdependentes. Não podem ser entendidos no âmbito da metodologia fragmentada que é característica de nossas disciplinas acadêmicas e de nossos organismos governamentais. Tal abordagem não resolverá nenhuma de nossas dificuldades, limitar-se-á a transferi-las de um lugar para outro na complexa rede de relações sociais e ecológicas. Uma resolução só poderá ser implementada se a estrutura da própria teia for mudada, o que envolverá transformações profundas em nossas instituições sociais, em nossos valores e idéias (CAPRA, 2001, p. 16).

Assim, as relações que estabelecemos com as pessoas ao nosso redor, com o local onde nos encontramos e/ou vivemos, ou seja, tudo que se manifesta em nosso cotidiano está relacionado com as nossas ações. De acordo com o *Esho Funi*, tanto a felicidade como o sofrimento, a destruição ou a construção do equilíbrio ambiental e da paz verdadeira, estão contidos no interior de nossa vida, e são resultado de nossas ações durante a sucessão dos dias. Assim como o ambiente influencia o indivíduo, este também pode causar uma mudança no ambiente.

Por isso, há esperança de um mundo ambientalmente sustentável e socialmente justo. Isso porque o *Esho Funi* (unicidade da vida e seu ambiente) sugere como as pessoas podem influenciar e reformar seu ambiente por intermédio de uma mudança interior.

Nesse ponto, convém destacar que é preciso uma revolução que transforme nosso jeito de olhar para a natureza:

Indubitavelmente, uma revolução espiritual é indispensável ao bem-estar humano. O homem não pode ter esperança de encontrar felicidade apenas em revoluções nos sistemas e na tecnologia. Há muitos anos venho insistindo na

importância vital do que chamo de revolução humana, porque estou convencido de que mudanças que surjam das camadas mais profundas da vida constituem a única maneira para a solução do dilema da humanidade (TOYNBEE; IKEDA, 1999, p. 107).

Essa revolução deve se iniciar no âmago de cada ser humano e culmina com uma educação intercultural e para a paz. Tal transformação não se restringe aos aspectos técnicos e científicos do conhecimento; ela é uma transformação na forma como compreendemos e vivenciamos o ambiente ao nosso redor. Portanto, é uma revolução espiritual, filosófica e educacional.

Num movimento contínuo de mudança interior, ou seja, de *Revolução Humana*, aliada a uma educação efetivamente inovadora e planetária, criaremos uma onda de propagação dos ideais verdadeiramente humanos, como companheirismo, solidariedade, amor, respeito, equilíbrio ambiental, aprendizagens significativas. Ikeda (2003; 2012), ao enfatizar esse conceito, coloca o poder de transformação real do mundo nas mãos dos seres humanos. Em sua visão educativa, ele afirma: “Seja como for, a grandiosa revolução humana de uma única pessoa irá um dia impulsionar a mudança total do destino de um país e, além disso, será capaz de transformar o destino de toda a humanidade” (IKEDA, 1972, p. 21).

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO

Nos últimos anos, vem crescendo de forma alarmante o número de ações violentas no Brasil. Recente documento publicado pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), intitulado “Mortes *Matadas* por Armas de Fogo no Brasil”, mostra que entre 1979 e 2003 cerca de 550 mil pessoas foram mortas por armas de fogo no país (UNESCO, 2005).

Ao analisarmos esse preocupante quadro, e somarmos isso as Guerras Mundiais do século passado, podemos dizer que existe uma chamada “culturas da guerra” veiculada no mundo (RABBANI, 2003). A autora afirma que temos muitas sociedades hoje, bem como outras que vivenciaram ao longo de séculos, a disseminação de um estado de guerra e violência, sendo que isso é um processo de construção histórico e cultural dos povos humanos. Embora cada situação violenta tenha suas próprias explicações e circunstâncias todas têm em comum o seu enraizamento numa “cultura da violência”, a qual influencia os indivíduos a privilegiarem o comportamento violento como meio natural de defender seus interesses.

Diante dessa perspectiva, torna-se relevante falar em uma educação para paz. Para fundamentar essa perspectiva recorreremos a Matos *et al* (2010) que afirmam que a educação para a paz, sendo um tipo específico de educação em valores humanos, é um processo permanente, no qual se busca criar uma cultura de paz, a partir de e para a ação.

Nesse sentido, discorrer sobre uma Educação para a Paz é, antes de qualquer coisa, restaurar as condições históricas que levam os indivíduos a criticar os padrões educativos existentes a partir do juízo crítico da paz. Não obstante, a abrangência da teoria e prática de uma Educação para a Paz deve estar associada à reconstrução histórica dessa educação, e consequentemente da sociedade a qual as instituições de ensino fazem parte. Assim, na medida em que recuperamos a história da Educação para a Paz, “compreendemos também o significado de uma paz que só pode se concretizar com a educação” (RABBANI, 2003, p. 64).

O princípio budista de *Esho Funi* indica que há uma união indissociável entre o ser vivo e seu ambiente. Assim, é possível pensar no ser humano como parte integrante da natureza, e não como um ser superior a ela. Essa perspectiva de que somos todos responsáveis pelo ambiente traz como contribuição para a educação, uma proposta pedagógica de educar para a paz e a intercultura. Se nossas ações são predatórias e individualistas, nosso ambiente é influenciado por tal egoísmo. Se pelo contrário, nossas atitudes forem de respeito e colaboração mútua, o local onde estamos é influenciado de uma forma benéfica, gerando um local de paz e harmonia.

Acreditamos que essa discussão é relevante para os currículos propostos pelas instituições escolares, pois se espera que os temas educacionais neles trabalhados devem acompanhar o movimento da história humana, seja nas suas relações sociais, nos processos políticos, artísticos e culturais vivenciados, nos impactos da economia e da tecnologia. Esses currículos devem ser flexíveis, possibilitando a inserção e a realização de inovações pedagógicas, com conteúdos e atividades que discutam temas de interesse dos diversos grupos, além de outras questões da atualidade. É a partir dessa mudança de pensamento que se trará um novo norte para as nossas futuras ações-reflexões.

No que diz respeito à formação humana, Ikeda (2006) afirma que o propósito da vida humana é aprender. Esse último é o fator primordial do “desenvolvimento da personalidade e o que torna os seres humanos verdadeiramente humanos” (p. 17). Contudo, o autor supõe que o sistema educacional atual foi reduzido a um simples mecanismo que serve a interesses dos dominantes, sejam eles políticos, militares, econômicos ou ideológicos. Para superar esse quadro restritivo, ele declara que “[...] a necessidade mais urgente é uma mudança do paradigma de ver a educação em prol da sociedade para o de construir uma sociedade que sirva às necessidades fundamentais da educação”⁴.

Nesse sentido, uma educação para a paz se faz necessária. A paz não fica restrita a um mero conceito abstrato e longínquo de nossa vida cotidiana. Segundo Ikeda (2012), a paz passa a ser uma questão de como cada um de nós planta e cultiva as sementes da paz em nosso mundo, em nosso ambiente diário durante a sucessão dos dias, nas profundezas de nosso ser e por toda nossa vida. Dito de outra forma, não importa quão relevante seja a paz, sem uma ação concreta ela não pode ser concretizada. Da mesma forma, não pode haver uma paz individualista, pois esse é um termo que deve ser empregado apenas de forma coletiva:

Na visão budista, a menos que haja paz e segurança “nos quatro quadrantes da Terra” — a sociedade como um todo —, nossa segurança individual será mera ilusão. Essa maneira de pensar é baseada no ensinamento budista da “origem dependente” (interdependência profunda ou existencial) (IKEDA, 2012, p. 12).

Parafraseando a metáfora do “barco para atravessar o mar do sofrimento” (DAISHONIN, 2001, p. 81), afirmamos que o educador para a paz e para a interculturalidade deve coletar a madeira do *Esho Funi*, aplainá-la descartando totalmente o antropocentrismo, cortá-la e juntar as tábuas, formando a perfeita unidade entre ser vivo e ambiente. Terminado o barco da educação, resta martelar os pregos da Revolução Humana que culmina com a travessia do mar da violência e do desequilíbrio socioambiental.

No entanto, não se pode deixar o indivíduo à deriva de sua própria sorte, buscando individualmente esses ensinamentos e essas aprendizagens. É preciso desenvolver coletivamente

⁴ IKEDA, op. cit., p. 17.

nas escolas um projeto político-pedagógico que contemple uma educação voltada para o ensino de valores humanos, direcionado à transformação da sociedade e à emancipação humana em sua plenitude.

Acreditamos que, caso uma transformação revolucionária profunda não ocorra, os jogos do capitalismo genocida e destruidor da natureza continuarão, e apenas a elite dominante continuará ganhando. Como nos dizem Feitosa e Abílio (2011), “as cartas, neste caso, estão sempre marcadas”. É preciso uma mudança que não se configure como uma mera reforma, e sim deve buscar uma revolução humana, a ser iniciada no âmago dos seres humanos e ampliada para todos os níveis estruturais e socioambientais. É preciso criar um novo jogo, com novas regras, que permita o acesso igualitário a todos, e ao reino da liberdade (FEITOSA; FEITOSA, 2011; TONET, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo, analisamos o princípio budista de *Esho Funi* e percebemos que com ele é possível colocar cada parte da sociedade, assim como cada família e indivíduo em algum ponto de uma relação inseparável entre ser vivo e seu ambiente. Tal visão permite lidarmos com a maior parte de nossos conflitos, sejam eles interiores, interpessoais ou sociais.

Ligada a essa visão, Daisaku Ikeda (1972) propôs o conceito de “Revolução Humana”, o qual possui uma ampla aplicabilidade no que tange a educação para paz. Tal revolução se inicia pela mudança de pensamento interior ao ser humano, gerando, conseqüentemente, modificações em suas ações. Ao mudar tais pensamentos-ações, o ambiente do sujeito será influenciado, o que gera uma onda de transformações sucessivas. Esse movimento ondulatório culminaria na busca coletiva por um mundo socialmente justo e ambientalmente sustentável.

As instituições escolares, como parte integrante dessa dinâmica sociocultural, também deveriam contribuir para rever os nossos laços com o ambiente, e criar um ambiente de paz, pois cremos que “não existe nada tão sublime quanto a paz. não há nada mais feliz que a paz” (IKEDA, 2003, p. 4).

Seguindo esse pensamento, a formação humana deveria primar pela construção de valores colaborativos. Na essência dos valores que buscamos deve haver um “profundo respeito à própria vida” (IKEDA, 2006, p. 89). Tal respeito pode despertar nos sujeitos a consciência crítica da relação de unicidade que temos com todas as formas de vida com quem compartilhamos o planeta, bem como a consciência de nossa ligação com as futuras gerações.

O reconhecimento da unicidade e da inter-relação entre todas as formas de vida faz parte das tradições culturais populares desde os tempos antigos, como exemplificado pela filosofia budista, que tem sido mantidas e transmitidas até os dias de hoje. É fundamental que a educação considere esse tipo sabedoria de vida em suas ações pedagógicas.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Arturo. Algunas observaciones a la relación entre la ética budista y el desarrollo sostenible, el consumo y la felicidad. In: GENTILI, Pablo (Org.). **CLACSO**: Documentos de trabajo. Buenos Aires: Red CLACSO de Posgrados / Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2011. p. 5-13. Disponível em:

Revista Metáfora Educacional (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, n. 12 (jan. – jun. 2012), Feira de Santana – BA (Brasil), jun./2012.

<<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/redposgrados/op-Arroyo.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2012.

BSGI – Associação Brasil SGI. Disponível em: <<http://www.bsgi.org.br/>>. Acesso em: 9 ago. 2011.

_____. Inseparabilidade da vida e seu ambiente (esho funi) (3). **Jornal Brasil Seikyo**. São Paulo-SP. Edição nº 1626. Publicado em: 03 nov. 2001, página A6.

CAPRA, Fritjof. **Ponto de mutação**. 22 ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

DAISHONIN, Nitiren. **Os escritos de Nitiren Daishonin**: Volume 1. São Paulo: Brasil Seikyo, 2001.

_____. **Os escritos de Nitiren Daishonin**: Volume 3. São Paulo: Brasil Seikyo, 2005.

FEITOSA, Raphael Alves; FEITOSA, Viviane Alves de Oliveira. Educação ambiental e o intelectual transformador. In: KATOS, Kelma Socorro Alves Lopes. **Educação ambiental e sustentabilidade III**. Fortaleza: Edições UFC, 2011. p. 271-284.

FEITOSA, Raphael Alves; ABILIO, Francisco José Pegado. Um jogo de cartas marcadas: uma visão crítica sobre o desenvolvimento sustentável. In: ABÍLIO, Francisco José Pegado; OLIVEIRA, Thiago de Lima (Orgs.). Colóquio de Educação Ambiental pra o Semiárido Nordeste, I, 2011. **Anais ...** João Pessoa: Editora da UFPB, 2011, p. 248-262. Disponível em: < <http://sites.google.com/site/coloquioea/home> >. Acesso em: 02 jan. 2011.

FLEURI, Reinaldo Matias (Org.) **Intercultura e movimentos sociais**. Florianópolis: MOVER/NUP, 1998.

FUKUSHIMA PREFECTURE. Disponível em: <http://www.pref.fukushima.jp/index_e.html>. Acesso em: 10 ago. 2011.

IKEDA, Daisaku; KITAGAWA, Massahiro; KAWADA, Yoiti. **Diálogo sobre a vida II**. São Paulo: Brasil Seikyo, 1980.

IKEDA, Daisaku. **A revolução humana**. Rio de Janeiro: Record, 1972.

_____. **A nova revolução humana**. 2. ed. São Paulo: Brasil Seikyo, 2003.

_____. **Proposta educacional**: Algumas considerações sobre a educação do século XXI. São Paulo: Brasil Seikyo, 2006.

_____. **Proposta e paz 2012**: Segurança humana e sustentabilidade – Compartilhar o respeito pela dignidade da vida. 2012. Disponível em: < http://www.culturadepaz.org.br/media/propostas/proposta_paz2012.pdf >. Acesso em: 21 mai. 2012.

KIRIMURA, Yasuji. **A vida de Nitiren Daishonin**. São Paulo: Brasil Seikyo, 1987.

LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. p. 21-53. In: _____ (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais - Perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005. Disponível em: < <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/Lander.rtf> >. Acesso em: 03 fev. 2012.

MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes. (Org.). **Cultura de paz, ética e espiritualidade**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

RABBANI, Martha Jalali. Educação para a paz: desenvolvimento histórico, objetivos e metodologia. In: MILANI, Feizi M.; JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira de (Org.). **Cultura de paz: estratégias, mapas e bússolas**. Salvador: INPAZ, 2003, p. 63-96. Disponível em: < http://www.dhnet.org.br/dados/cartilhas/a_pdf_dh/cartilha_cultura_da_paz.pdf >. Acesso em: 04 fev. 2012.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental?** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009. (Coleção Primeiros Passos; 292).

STEIL, Carlos Alberto; TONIOL, Rodrigo. Ecologia, corpo e espiritualidade: uma etnografia das experiências de caminhada ecológica em um grupo de ecoturistas. **Caderno CRH**, Salvador, v. 24, n. 61, p. 29-49, 2011.

TONET, Ivo. **Educação, cidadania e emancipação humana**. Ijuí: Unijuí, 2005.

TOYNBEE, Arnold; IKEDA, Daisaku. **Escolha a Vida: Um Diálogo sobre o Futuro**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. **Mortes matadas por armas de fogo no Brasil: 1979-2003**. Brasília, 2005. Disponível em: < <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001399/139949por.pdf> >. Acesso em: 19 out. 2011.

Artigo recebido em 22/fev./2012. Aceito para publicação em 20/maio/2012. Publicado em 1/jun./2012.

Como citar o artigo:

FEITOSA, Raphael Alves; DIAS, Ana Maria Iorio; FEITOSA, Viviane Alves de Oliveira. A visão oriental da relação inseparável entre ser vivo e ambiente: *esho funi*. In: **Revista Metáfora Educacional** (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, n. 12 (jan. – jun. 2012), Feira de Santana – BA (Brasil), jun./2012. p. 34-48. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>>. Acesso em: DIA mês ANO.